



A Editorial Calvino Limitada e o PCB: a edição de livros sobre a URSS e antifascistas nos anos 1940

VINICIUS JUBERTE*

1. Introdução

A questão editorial sempre foi cara aos comunistas, sendo parte fundamental na formação de quadros partidários e na estratégia de agitação e propaganda, conhecida como *agitprop*. A cultura comunista, inserida na tradição da Revolução Francesa, que enxergava o livro como uma força transformadora, passa a realizar de fato a sua vocação internacionalista após a Revolução de Outubro de 1917, tendo a produção de livros papel de destaque nesse processo. (DEAECTO, 2013: 14) A URSS foi a base da maior expansão do marxismo na história, ao criar uma estrutura editorial sem precedentes na história do livro contemporâneo, além de publicar em diversas línguas, procurando expandir o seu alcance pelo mundo (DEAECTO, 2013: 15).

No Brasil, os livros marxistas só passam a circular de fato após a Revolução de Outubro, seguindo a lógica de difusão de livros da Internacional Comunista. Nesse primeiro momento, além dos livros publicados em francês pela IC, o país tem outro polo de influência que é o Partido Comunista Argentino, que desde 1918 passa a editar a literatura marxista em espanhol. Mas a difusão no Brasil só irá se sistematizar a partir de 1922, com a fundação do PCB (CARONE, 2004: 39). Nesses primeiros anos de existência, de 1922 a 1930, o PCB teve escassas publicações, devido a debilidades financeiras e de caráter organizacional, não mantendo nem mesmo uma editora própria. Muitas vezes o esforço de distribuir livros para a militância, nesse período, foi de caráter pessoal, do próprio secretário-geral do partido, Astrojildo Pereira (CARONE, 2004: 62).

Nos anos 1930 a situação muda. Há uma radicalização da esquerda mundial devido à crise de 1929 e, no caso específico do Brasil, uma reação à Revolução de 1930. Esse desenvolvimento é interrompido devido à repressão ao PCB após o Levante Comunista de 1935 e a instauração, em 1937, do Estado Novo, fazendo com que a literatura marxista editada no Brasil praticamente desaparecesse (CARONE, 200: 67). As edições de livros marxistas no país só serão retomadas nos anos 1940, mais especificamente em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, com a aliança antifascista e o esforço de guerra da URSS. Nesse contexto, as editoras passam a reeditar muitas das

* Mestre pelo programa de pós-graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo (USP).



obras lançadas nos anos 1930. Em 1945, com o fim da guerra e do Estado Novo, o PCB retorna à legalidade e passa por um processo de reorganização de suas atividades, adotando a linha política de “coexistência pacífica” ditada por Moscou no pós-Segunda Guerra, passando finalmente a organizar também as suas próprias editoras (CARONE, 1982: 5).

Nesse contexto, José Calvino Filho, editor e militante do PCB, retoma atividade editorial que havia deixado de lado nos anos 1930 por conta da repressão, refundando a sua editora no início dos anos 1940, que agora leva o nome de Editorial Calvino Limitada.¹ Esse retorno coincide com a mudança de conjuntura política e econômica interna, assim que o Estado Novo varguista adere aos Aliados (o que significou se aliar também a União Soviética) e declara guerra ao Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. Isso permitiu ao PCB (Partido Comunista Brasileiro) a retomada de suas atividades partidárias. Vale notar que a editora retoma as suas publicações de maior monta em 1943, mesmo ano da Conferência da Mantiqueira, quando o partido dá início à sua reorganização. Dessa maneira, a editora aparece como um dos primeiros esforços dos comunistas brasileiros nesse momento de retomada de suas atividades e estruturas partidárias, ainda que só se revele como órgão da seção carioca do PCB após a conquista da legalidade do partido em 1945. (HALLEWELL, 2015: 508)

Ainda nesse período, era de iniciativa de Calvino Filho e S. O. Hersen a publicação do periódico *Divulgação Marxista*, revista quinzenal editada entre 1946 e 1947, focada na divulgação da doutrina marxista-leninista, com destaque para os textos dos clássicos do marxismo (Marx, Engels, Lênin e Stalin), dos marxistas soviéticos e das lideranças comunistas brasileiras, entre os quais avultam os escritos de Luis Carlos Prestes. Além desses, eram comuns os artigos do próprio Calvino Filho, sendo que em um deles intitulado “Estudemos o Marxismo”, publicado na edição número 3 da revista, em agosto de 1946, o autor descreve o seu projeto editorial e as atividades da Editorial Calvino nesse período dos anos 1940. Para entender a linha editorial da Calvino partiremos desse artigo, em que ele explica como se deu a edição de seus livros no período dos anos 1940.

Segundo Calvino, apesar das dificuldades colocadas pela repressão da ditadura estadonovista através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), sua editora conseguiu

1 José Calvino Filho havia fundado a Calvino Filho Editor em 1929, editora que funcionou até a instauração da ditadura do Estado Novo em 1937.



publicar livros de divulgação da URSS e antifascistas, com o objetivo de fazer um contraponto a propaganda anticomunista do período. Apesar da censura, que atingia inclusive as propagandas da editora nos jornais da época, ele conseguiu editar 500 mil livros entre 1942 e 1944. (CALVINO FILHO, 1946: 48) Fica claro a prioridade de sua linha editorial de 1942 à 1944: livros antifascistas e de divulgação da URSS. O foco nesse momento é a “União Nacional”, da qual participam diversas forças políticas, dos comunistas a ditadura Vargas, pelo esforço de guerra em consonância com a frente antifascista mundial (SEGATO, 1981: 48), linha de ação do PCB que se tornará oficial após a Conferência da Mantiqueira, em 1943 (CARONE, 1982: 4).

Além disso esse tipo de edição focada nas questões da guerra e não necessariamente na divulgação de ideias políticas ou doutrinárias servem para medir o grau de tolerância do governo do Estado Novo perante a ação dos comunistas na divulgação de suas ideias e na sua prática militante cotidiana. Fica claro, pela fala do editor e dono da editora que, apesar da mudança de conjuntura, pelo menos nesses primeiros tempos, a ação policial e de censura frente aos comunistas continuou intensa, vide a citada ação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) na proibição de publicidade da editora nos jornais da época. São desse período as séries “Coleção de Estudos Sociais”, “A Verdade Sobre a Rússia”, “Luta Pela Liberdade”, “Os Grandes Homens da Vitória” e “Os Grandes Amorosos da Humanidade”. (HALLEWELL, 2005: 508)

No decorrer do artigo é interessante notar também a indicação feita por Calvino do seu potencial público leitor que, na sua concepção, não seria necessariamente o proletariado e o campesinato, mas sim a pequena burguesia, devido, segundo ele, à falta de instrução dos primeiros (CALVINO FILHO, 1946: 52). Fica claro como o editor concebe a ação de sua editora: o foco é a formação da “vanguarda revolucionária”, através do aprofundamento de sua formação no interior do marxismo-leninismo. Essa vanguarda, de forma pedagógica, deve ensinar ao proletariado o papel de classe revolucionária a ser exercido por ele e guiá-lo na luta contra o capitalismo através do estudo do marxismo-leninismo. Essa concepção se encontra de acordo com as diretrizes da III Internacional que, segundo Lincoln Secco, tratava-se de um movimento pedagógico, missionário, doutrinário, centralizador, unificador e editorial. (SECCO, 2013: 30). Para Calvino, essa vanguarda era, devido às condições socioeconômicas brasileiras no período, a pequena burguesia intelectual por excelência, ainda que reiterasse diversas vezes que é o proletariado o grande sujeito histórico da revolução.



Dessa maneira, o editor coloca como crucial o seu trabalho de edição da literatura marxista para a consolidação do movimento revolucionário (CALVINO FILHO, 1946: 56). Calvino corrobora as diretrizes da *agitprop* comunista, em meio às quais a edição de livros aparece como fator crucial para a unidade entre a teoria e a prática revolucionárias, garantindo a formação da militância no interior dos preceitos do marxismo-leninismo. Dentro dessa linha editorial apresentada, a Editorial Calvino teve alguns destaques entre suas edições de divulgação da URSS e antifascistas, que serão apresentados mais detalhadamente a seguir.

1. 2. Livros de divulgação da URSS e antifascistas:

Primeiramente, O livro *Missão em Moscou* de Joseph Davies, em sua “3ª edição já atualizada” como consta na capa, o que denota se tratar de um sucesso editorial, traz em destaque o fato do autor ser o então embaixador dos EUA na União Soviética. Ainda na capa consta que o conteúdo do livro foi retirado de relatórios confidenciais para o Departamento de Estado, cartas íntimas e de um diário do autor, e que sua publicação foi liberada pelo governo dos EUA. Na orelha do início aparecem dois documentos: Um comunicado do presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt agradecendo o autor pelos seus trabalhos como diplomata na Bélgica e em Luxemburgo, e liberando-o para assumir a sua nova função na URSS. Ele é elogiado pelo presidente pela sua capacidade de análise das situações presentes, tendo em mente os seus possíveis desdobramentos futuros. O outro documento é uma carta do Departamento de Estado assinada por Samuel Wells, autorizando o autor a publicar seus relatórios sobre a União Soviética, enfatizando o quanto essa publicação seria importante para o esforço de guerra. Do ponto de vista editorial, fica claro como a publicação desses documentos colaboravam com o livro, garantindo a credibilidade do autor e do seu texto.

A seguir temos o *Prefácio dos Editores*, seguido por uma *Nota do Autor*. No prefácio os editores começam afirmando que têm “a honra de oferecer às elites brasileiras este notável livro”, mostrando que o interesse dos editores com o livro era o de desmistificar a URSS principalmente para as elites. Além disso, essa ideia vai de encontro ao afirmado por Calvino Filho em seu artigo “Estudemos o Marxismo”, de que os livros não necessariamente tinham como público-alvo o proletariado, que por diversas razões não teria condições de ler os livros. O texto segue enaltecendo



Joseph Davies e afirmando a confiança que lhe devotavam tanto os dirigentes soviéticos, quanto o presidente dos EUA, com o claro intuito de gerar essa mesma confiança no próprio leitor.

A seguir o texto faz uma crítica, ainda que de forma velada, a política do Comintern pós-Revolução de 1917, de defesa do caráter internacionalista da revolução socialista e o apoio a sua expansão pelo mundo. Segundo os editores, essa política teria despertado “naturais represálias” de países “ansiosos pela paz interna”, levando os partidos comunistas ao redor do mundo a queda na ilegalidade em inúmeros países, a insignificância eleitoral em outros, por fim, ao isolamento da URSS e a falta de informações sobre o que ocorria nesse país no restante do mundo. Dessa forma, para eles, as informações sobre o Estado soviético ficavam restritas as notícias de jornais sobre os “expurgos intermináveis” por um lado, e aos “partidários fanáticos” que pregavam a “excelência das realizações” bolchevistas de outro. Além disso, o próprio entendimento sobre as transformações nas estruturas políticas soviéticas chegavam de forma superficial e distorcida para o restante dos países, principalmente a respeito da expulsão de Trotsky da URSS, que segundo os jornais teria se resumido a vitória da “fria e calculada ambição de Stalin” sobre a “ardente vaidade de Trotsky”, o que teria levado então o movimento comunista mundial a se dividir entre “trotskistas” e “estalinistas”.

Para os editores, a própria divisão nesses dois campos teria afetado a qualidade da informação referente à URSS, dado o partidarismo de cada um dos lados, além do próprio isolamento soviético no decorrer de sua reestruturação política e econômica, agora sob o “punho forte e exclusivo” de Stalin. No decorrer do prefácio segue a descrição dos principais episódios que levaram a URSS a entrar na guerra, ressaltando sempre o importante papel soviético na “virada” dos Aliados contra o nazismo, mostrando como o “inimigo irreconciliável” de ontem transformou-se no “decisivo fator da vitória de hoje”. Para os editores “Verdun perde a expressão comparada com Sebastopol e Stalingrado”.

A seguir os editores afirmam que Davies, “frio, sereno, imperturbável e esclarecido observador”, mostra como a Rússia já não era mais a mesma do período revolucionário de 1917, que um considerável recuo político havia ocorrido, e que o comunismo havia perdido sua forma inicial, perdendo suas “características internacionalistas” para adotar o “mais acendrado nacionalismo”. Ainda assim, segundo os editores, ninguém duvidaria na própria Rússia que o país



estava avançando, perseguindo da forma mais realista possível formas de melhorar a vida da população, não hesitando em abdicar de seus “primitivos e rígidos princípios políticos ortodoxos”.

Na sequência, de forma bastante curiosa mas compreensível, os editores enaltecem Getúlio Vargas por construir condições melhores de vida para o trabalhador brasileiro, sem o derramamento de sangue e as lutas cruéis de outros países, inclusive a Rússia, tratando-se de “evolução lenta, porém segura”. Os editores ainda citam um discurso de Vargas enaltecendo o momento de “união nacional”, e outro do ministro Marcondes Filho dizendo que “nenhum regime político é perfeito”, no momento em que a própria conjuntura da Guerra trazia profundas mudanças a ditadura do Estado Novo, ainda que o ministro defendia ao fim que é necessário “enaltecer as virtudes” do governo para “consumir os defeitos”.

Nas páginas seguintes, na *nota do autor*, Davies comenta sobre os acontecimentos que o levaram até Moscou e a estrutura do livro, já explicitados tanto na orelha quanto na capa do mesmo. Além disso, o autor afirma que, de fato, o grande objetivo com a publicação de seu livro seria a desmistificação da Rússia soviética a população norte-americana, principalmente após esse país se tornar um aliado durante a guerra.

É interessante observar como esse prefácio dos editores segue exatamente a linha partidária do PCB naquele momento. O discurso da “União Nacional” domina todo o texto, enfatizando as alianças perante o inimigo comum, vide os elogios a ditadura Vargas, impensáveis antes da guerra. É importante ressaltar que ao mesmo tempo em que segue fielmente a linha partidária, o texto não enaltece de forma panfletária a URSS e nem a figura de Stalin, procurando sempre manter um julgamento objetivo na medida do possível, até mesmo crítico em alguns momentos, não deixando de mostrar ao leitor em nenhum momento a aridez da realidade soviética.

No posfácio o autor traz atualizações sobre o desenrolar da guerra, já que o livro havia começado a ser escrito em 1941 e é lançado só em 1943, após diversos acontecimentos marcantes ocorridos em 1942, como a batalha de Stalingrado. É interessante a defesa da URSS feita por Joseph Davies, sem abrir mão de a todo instante reafirmar a sua crença de que o modelo de sociedade existente nos EUA seja o mais avançado até então. Ainda assim, o autor faz questão de ressaltar o papel crucial dos soviéticos na guerra, enaltecendo a aliança EUA-URSS para a vitória



contra o Eixo nazifascista e o manutenção da paz no pós-guerra.

Davies enfatiza também as diferenças entre o nazismo e o comunismo, rebatendo os críticos norte-americanos que defendiam que o comunismo seria um perigo muito maior para os EUA do que o nazismo. Para o autor, além disso não se mostrar na realidade, onde a URSS lutava ao lado dos EUA e honrava todos os acordos firmados, ainda pesava o fato de, segundo ele, existir “um mundo de diferença” entre o regime de Stalin e o de Hitler. Davies via aquele momento do regime soviético, com “características de uma ditadura” se comparado ao regime norte-americano, como “temporário”, uma forma de “proteger a massa do povo” até que esse possa “governar-se sob um sistema em que o indivíduo, e não o Estado” prevalecesse. Para ele, sob guerra, o “regime de Stalin” não poderia abrir mão de seus “amplios poderes”, mas lembra que esse mesmo regime estava incentivando a iniciativa privada, buscando alcançar as metas dos Planos Quinquenais, antes da guerra. Além disso, Davies, um cristão conservador, acreditava que o comunismo russo poderia se adequar ao cristianismo sem afetar os princípios políticos e econômicos do regime, já que esse também seria baseado na ideia de “fraternidade humana”.

Dessa forma, para Davies fica claro que existe uma diferença na base, na concepção dos dois regimes, considerando como o verdadeiro inimigo o nazismo, ao mesmo tempo que considera o comunismo russo como aliado fundamental, acreditando na sua “evolução” enquanto regime, dentro das suas concepções cristãs e conservadoras. Enfim, o livro *Missão em Moscou* tem como objetivo editorial a desmistificação da URSS, a justificativa das alianças forjadas por conta da guerra e da própria linha de “União Nacional” seguida pelo PCB nesse momento.

Outra publicação, das principais da editora, é o livro *O Poder Soviético* do Reverendo Hewlett Johnson, o deão de Canterbury, líder máximo da Igreja Anglicana. Johnson era um religioso simpatizante do comunismo, e o seu livro foi um dos primeiros de linha favorável à URSS publicados no Brasil, isso desde a instauração da ditadura do Estado Novo e a sua ferrenha repressão anticomunista. Seu lançamento veio em momento favorável aos soviéticos no contexto da Guerra, quando estes derrotavam o Exército Nazista, sendo recebido com entusiasmo pela esquerda e com fúria pela direita. Saíram em defesa do livro e dos ataques ultrareacionários, Monteiro Lobato e o próprio Calvino Filho, o primeiro afirmando ter sido esse o primeiro livro honesto sobre a URSS a ter lido, e o segundo em artigo no jornal *Diário da Noite* do Rio de Janeiro, afirmou que



criticar esse livro naquelas circunstâncias seria fazer o jogo do nazismo e da quinta-coluna.

No prefácio os autores começam ressaltando o fato de o livro ser escrito por um bispo protestante e prefaciado por um bispo católico, mostrando que o combate ao “nipo-nazi-integral-fascismo”, o inimigo comum, estava acima de quaisquer divergências políticas e ideológicas. O texto ainda ressalta que essa união se deu de forma geral, com todas as forças políticas, com exceção dos integralistas, sob o comando de Getúlio Vargas, acima de “quaisquer ressentimentos pessoais”. Essa colocação não deixa de ser uma espécie de justificativa do próprio PCB para o apoio a Vargas nesse momento. A seguir, os editores citam uma declaração de Alexander Gorkin, membro do Conselho Supremo Soviético, no qual esse ressalta que enquanto os nazistas lutam para “estabelecer o ódio ao homem em todo o mundo”, os soviéticos junto aos seus aliados lutam pela “destruição da exclusividade racial, pela igualdade na soberania das nações, pela libertação dos povos escravizados, pela restituição de seus direitos soberanos, pela restauração dos direitos democráticos, pela destruição do regime e do exército de Hitler e pelo direito de todos os povos escolherem seu próprio governo”.

É interessante ressaltar nesse “programa” soviético o fato de a derrubada do nazifascismo e a restauração da democracia aparecerem como os principais objetivos, que não deixa de ser, também, bandeiras dos comunistas brasileiros frente ao governo do Estado Novo, ainda que essa questão tenha sido deixada de lado naquele momento por conta do esforço de guerra.

É curioso o fato do texto dos editores ressaltar a democracia como o valor que une os “povos livres” contra o nazifascismo, ao mesmo tempo em que nem Brasil e nem URSS eram democracias internamente, ainda que cada regime guardasse suas especificidades. Por fim, os editores exaltam o livro de Hewlett Johnson por apresentar sem medo a “verdade” sobre a Rússia, onde os povos são livres para manter os seus cultos e continuam vivendo de forma cristã, rebatendo a “demonização” da URSS feita pela propaganda nazista, e em solo brasileiro, pelos integralistas.

Vale ressaltar aqui o contínuo esforço do texto, em consonância com o próprio teor do livro apresentado, em mostrar que não existe contradição entre comunismo e cristianismo, enfatizando inclusive o fato de, segundo eles, ambos partilharem dos mesmos valores, com destaque para a fraternidade entre os homens. Colocações com o mesmo teor já haviam surgido no prefácio dos



editores no livro *Missão em Moscou*, o que demonstra uma constante preocupação destes com a questão religiosa, procurando desmistificar esse aspecto da realidade soviética e o posicionamento do movimento comunista mundial acerca dessa questão. Por fim, o texto dos editores termina afirmando que a propaganda “nazi-integral-fascista” não abalará a aliança dos países das Nações Unidas no esforço de guerra, que no Brasil é representado na figura do presidente Vargas “que garante e estimula a união de todos os brasileiros”, no sentido de “esmagar o nipo-nazi-integral-fascismo”.

Fica bastante claro que o foco do projeto editorial presente nesse livro é a tentativa de desmistificar a URSS para o grande público, tendo como principal preocupação o esforço de guerra. Mesmo o fato de se negar o caráter socialista do governo soviético mostra que a intenção é uma só: Tornar a União Soviética uma aliada “aceitável” a todas as forças envolvidas na frente antifascista. Vale lembrar que o próprio Stalin, em um gesto de boa vontade com os novos aliados, extinguiu o Comintern em 1943. Logo, o projeto editorial da Calvino encontra-se plenamente alinhada as diretrizes do movimento comunista daquele momento.

Em seguida, apresenta-se o prefácio do próprio autor, o reverendo Hewlett Johnson. Em seu texto Johnson afirma ter como objetivo apresentar a experiência soviética baseado no que viu em suas visitas àquele país. Segundo ele, a intenção é apresentar as transformações promovidas por aquela “nova ordem social”, buscando acabar com as inúmeras desconfianças existentes acerca da URSS, principalmente pelos EUA.

Por fim, Johnson faz uma ressalva quanto a um panorama “excessivamente róseo e otimista sobre a vida na URSS”, ele deixa claro que procurou dar ênfase nos aspectos positivos da experiência soviética, até porque muitos autores já o fizeram com os aspectos negativos, na maioria das vezes “com exagero”. Apesar disso, ele reconhece as “sombras” existentes nesse processo, mas acredita ser mais útil “ver e valorizar” os sucessos soviéticos, até então desconhecidos do grande público por conta da propaganda anticomunista. O intuito era “remover a desconfiança” perante os soviéticos e substituí-la “por uma atitude de confiança e simpatia”.

Fica claro, mais uma vez, principalmente pelo prefácio do autor, a sua simpatia pela experiência soviética, e que existe uma intenção clara em aproximar o projeto soviético dos valores



cristãos, desmistificando a propaganda fascista anticomunista. Se pensarmos que o Brasil já naquele momento era o país mais católico do mundo, essa tática parece bastante razoável. Do ponto de vista editorial ninguém melhor para fazê-lo do que um autor teoricamente insuspeito, no caso o líder supremo da Igreja Anglicana. Essa aproximação parecia ser naquele momento crucial para o partido, levando em conta o esforço de guerra, já que *O Poder Soviético* aparece como um dos “carros-chefe” da Editorial Calvino nas propagandas contidas em outros livros e nos jornais do PCB.

Uma autora importante no catálogo da Editorial Calvino, que tem suas obras bastante divulgadas pelas propagandas nos livros da editora e nos jornais do partido, é a jornalista norte-americana Anna Louise Strong. Em 1943, ela tem duas obras publicadas: *A Rússia na Paz e na Guerra* e *A China Luta Pela Liberdade*. O primeiro ganha destaque na edição número 71 do jornal *Hoje*, de dezembro de 1943. Na propaganda, lê-se “Em todas as livrarias a 2ª edição!”, logo acima do título do livro, que é acompanhado por uma pequena sinopse sobre ele, apresentando o trabalho da jornalista estadunidense, residente por mais de 25 anos na URSS. Esse livro de Anna Louise Strong ainda será reeditado pela Calvino em 1945 na coleção “Edições Populares”, acompanhado de *O Poder Soviético*, do deão de Canterbury, e *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, de John Reed.

Vale lembrar ainda que os jornais e revistas do partido eram o principal meio de divulgação dos livros das suas editoras, fazendo com que todos esses órgãos se comunicassem e fossem interdependentes no trabalho de *agitprop*. Editoras, jornais e revistas faziam parte do mesmo aparelho político-cultural do partido, que procurava garantir a sua intervenção político-ideológica na sociedade brasileira, abarcando dessa forma tanto a militância, quanto um público mais amplo. (RUBIM, 2007: 380).

Prosseguindo a análise do livro, na orelha temos uma sinopse, ressaltando mais uma vez o profundo conhecimento da autora sobre a realidade soviética. Na segunda página, constam os nomes das edições em outras línguas: *The Soviets Expected It* na edição norte-americana, *Our Russian Front* na edição australiana e *Russia em la Paz y em la Guerra* na edição espanhola, nome este mantido na edição em língua portuguesa da Calvino. Na folha de rosto, aparece o nome da autora, da obra, o número da edição (terceira nesse caso), o nome do tradutor, Luiz C. Afilhado e, por fim, o nome da editora. A seguir, aparece um prefácio dos editores intitulado *Advertência*,



ressaltando que os preconceitos contra os russos deveriam ser deixados para trás, já que naquele momento o povo soviético levaria a cabo a “defesa da civilização” contra as forças nazifascistas. O texto ainda exalta a capacidade de articulação dos soviéticos perante a guerra e a necessidade de apoio incondicional a eles naquele momento em que estava em jogo a “sorte do mundo”.

Apoiar os soviéticos seria o caminho para “a paz e a organização democrática universal”, contra a “bestialidade, ignorância e escravidão” representada pelo nazifascismo. No fim do livro, aparece o índice, contendo a relação de 15 capítulos que se dividem entre a análise da configuração socioeconômica soviética, da liderança política de Stalin, do seu poderio militar e do desenrolar da guerra. Aparece ainda um apêndice com a função de atualizar o texto com os acontecimentos mais recentes da guerra e com a Constituição Soviética de 1936 e suas modificações frente as constituições anteriores. Vale notar que esse livro tem um trabalho editorial mais simples que os anteriores, com menos intervenções escritas quer do editor, na forma de prefácios, quer da autora.

Referente aos livros antifascistas, é editado em 1943 *O Inimigo Que Enfrentamos* de Pierre J. Huss. Na capa, consta o nome do autor, da obra, da editora e um subtítulo: “Como Surgiu, Como Vive, e Como Age a Horda Nazista”. Além disso, há também uma ilustração representando um soldado nazista em segundo plano. A orelha traz uma sinopse do livro, contando que o autor, Pierre J. Huss, na qualidade de jornalista, teve a chance de entrevistar Hitler duas vezes, em 1935 e 1941, além de conhecer todo o alto escalão do Partido Nazista, detalhando o que viu em seu livro. Na segunda página, aparece o nome do original norte-americano: *The Foe We Face*. Na folha de rosto, temos o nome do autor, da obra, do tradutor, Fernando Tude de Souza, o ano de publicação e o nome da editora. Ao final da obra, aparece o índice, apresentando sua divisão em 13 capítulos, todos voltados ao dia a dia de Hitler e de seus aliados.

Outro livro publicado em 1943 foi *Eu Fui Médico de Hitler*, de Kurt Krueger. Na folha de rosto consta o nome do autor seguido pela observação “médico assistente do fùhrer durante 15 anos”, o nome da obra, dos prefaciadores, Upton Sinclair, Otto Strasser, K. Arvid Enlind, o número da edição (terceira nesse caso), o ano de publicação e o nome da editora. Não há o nome do tradutor, nem o nome e a nacionalidade da edição original.

A seguir, aparece o prefácio assinado por Upton Sinclair. No texto, ele afirma que o livro de



Krueger não tem grande valor literário, referindo-se a forma do texto, mas em compensação tem uma enorme importância quanto ao seu conteúdo. Sinclair defende que o livro é de extrema importância para todos que queiram combater Hitler, seja através das armas seja das palavras. A obra, além de descrever o “gênio-lunático” do fùhrer, também analisa o movimento e o partido nazistas, enfim, uma obra que se mostra fundamental para o entendimento do hitlerismo na Alemanha.

O prefácio, de Otto Strasser, intitulado “Como eu o Conheci” traz um perfil psicológico de Hitler traçado por um ex-colaborador. No texto, o líder nazista é descrito como portador de três características principais: “ascetismo no diz respeito à alimentação”, “indiferença em face ao sofrimento alheio” e “oportunismo em assuntos de amor”. Strasser afirma que Hitler consegue transformar essas características negativas em positivas no momento de exercer a sua liderança, criando uma “resultante vitoriosa”.

O último prefácio é assinado pelo médico psiquiatra K. Arvid Enlind. Ele ressalta o intento do livro de retirar Hitler da esfera do “mito” e trazê-lo para a esfera do homem realmente existente. Enlind ainda afirma que o nazismo é uma espécie de “neurose coletiva” criada pela junção de várias neuroses de um só homem. Para ele, o líder nazista transformou Munique no “santuário da neurose europeia”, instalando um ciclo vicioso no qual “Hitler alimenta a loucura de nossa época, e esta alimenta Hitler”. Fica claro como esses prefácios procuram deslocar a discussão acerca do nazismo para a esfera individual, no caso, para as questões psicológicas de Hitler. As colocações dos três prefaciadores vão no sentido de demonstrar a estruturação de um regime através da loucura de um só homem, menosprezando qualquer tipo de discussão socioeconômica ou mesmo política. No final do livro, aparece o índice, mostrando a divisão da obra em prefácios e vinte capítulos, que contam a trajetória de Hitler através do ponto de vista de Krueger.

Outra edição antifascista foi *Feras Humanas*, de W. Langhoff e Georg M. Karst. Numa orelha do livro, temos a propaganda da coleção “Os Grandes Homens da Vitória”. Noutra um anúncio da obra *O Inimigo Que Enfrentamos*, de Pierre J. Huss. Na folha de rosto, aparecem os nomes dos autores, o nome da obra, do tradutor, Dias da Costa, o ano de publicação e o nome da editora. Na sequência, temos o prefácio dos editores. Nele os autores ressaltam a educação hitlerista que teria transformado seres humanos em “feras”, além da estruturação da “quinta coluna” para



satisfazer os anseios de dominação mundial de Hitler. Logo depois, o texto apresenta os autores do livro, dois sobreviventes dos campos de concentração nazista que relatam suas experiências como prisioneiros do Terceiro Reich. Por fim, eles destacam um parágrafo do livro afirmando concordar com as “palavras veementes” de Karst, em que esse prega uma “vingança em nome das gerações futuras” contra todas as pessoas que de alguma forma tiveram relação com o funcionamento da máquina nazista.

Por fim, cabem algumas considerações sobre as publicações analisadas. Fica claro que grande esforço da editora foi voltado para a publicação de livros sobre a União Soviética e referentes a Guerra, principalmente obras de caráter antifascista. É perceptível também que nem todo livro teve o mesmo grau de intervenção dos editores no que diz respeito à presença de prefácios. Nesse sentido, destacam-se *Missão em Moscou* de Joseph Davies e *O Poder Soviético* de Hewlett Johnson, que, não por acaso, foram os livros mais divulgados pela editora. Seguindo a convicção de Calvino Filho, que via o trabalho editorial como fundamental no trabalho de *agitprop*, sua editora se colocou diretamente no debate do período da Segunda Guerra Mundial, em defesa do projeto de sociedade existente na URSS, da sua importância na luta contra os países do Eixo e no combate ao nazifascismo.

3. Conclusão:

O último registro de lançamentos da editora é de 1948, com *Zé Brasil*, de Monteiro Lobato. O livro foi encomendado a Lobato pelo partido, que sintetizava o argumento do PCB acerca do problema do campo, com o intuito de se aproximar do campesinato nacional, através do personagem que personificaria o camponês politicamente consciente (SOARES, 2013: 54). Depois disso, não foram mais encontrados quaisquer vestígios de publicações ou de qualquer atividade da Editorial Calvino, o que mostra que a editora foi mais uma das vítimas da sanha autoritária anticomunista do governo Dutra, sendo reprimida após o cancelamento do registro do PCB e encerrando suas atividades já nesse momento. Era o fim da legalidade do PCB e também a extinção da sua primeira grande editora. A Editorial Calvino foi a primeira experiência do PCB na área editorial no período de reestruturação do partido nos anos 1940, tendo publicado 88 livros, sendo 70 desses de literatura marxista e livros antifascistas, e promovido cinco coleções, números



consideráveis para um curto espaço de tempo.

4. Bibliografia:

ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (org.). *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e Práticas*. Campinas: Mercado de Letras/ Fapesp/ ALB, 2005.

CARONE, Edgard. *Da Direita a Esquerda*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

_____. *Movimento Operário no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.

_____. *Leituras marxistas e outros estudos*. SECCO, Lincoln, DEAECTO, Marisa Midori(org.). São Paulo: Editora Xamã, 2004.

_____. *O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964*. São Paulo: Editora Dois Pontos, 1986.

_____. *O PCB(1922-1943)*. Volume 1, São Paulo: Difel, 1982.

_____. *O PCB(1943-1964)*. Volume 2, São Paulo: Difel, 1982.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Cotia/SP: Ateliê Editorial/ Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2013.

DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa: A Política de Alianças do PCB (1928-1935)*. Oficina de Livros, Belo Horizonte, 1990.



DUTRA, Eliana de Freitas e MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política (Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX)*. São Paulo: Annablume, 2006.

FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean. *O Aparecimento do Livro*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

FEIJÓ, Martin César. *Formação Política de Astrojildo Pereira (1890-1920)*. Oficina de Livros, Belo Horizonte, 1990.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2005.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: O Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *O PCB e os Livros: A Editorial Calvino no período da legalidade do partido nos anos 1940*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2016.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2009. LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre (org.). *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1986.

MAZZEO, Antônio Carlos e LAGOA, Maria Isabel (org.). *Corações Vermelhos: Os Comunistas Brasileiros no Século XX*. Cortez Editora, 2003.

MICELLI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Editora Difel, 1979.

MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil: O Impacto das Revoluções*. Volume 1, Campinas: Editora Unicamp, 2007.



_____. *História do Marxismo no Brasil: Teorias. Interpretações*. Volume 3, Campinas: Editora Unicamp, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Editora Perspectiva/ Fapesp, 2002.

NAPOLITANO, Marcos; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; CZAJKA, Rodrigo(org.). *Comunistas Brasileiros – Cultura Política e Produção Cultural*. São Paulo: Editora Humanitas, 2013.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Os Novos Bárbaros: Escritores e Comunismo no Brasil (1928-1948)*, Tese de doutorado, IFCH/Unicamp, 2003.

PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

_____. *Ensaio históricos e políticos*. São Paulo: Editora Alga-ômega, 1979.

PINTO JÚNIOR, Antônio Carlos Pimental. *A Biblioteca Vermelha de Raimundo Jinkings: Uma História de Livros*. Dissertação de Mestrado, ILC/UFPA, 2011.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A Revolução Faltou ao Encontro – Os Comunistas no Brasil*. CNPq/ Editora Brasiliense, 1990.

RIDENTI, Marcelo e REIS, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil: Partidos e Organizações dos anos 1920 aos 1960*. Volume 5, Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RUBIM, Antônio Canellas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*, Editora UFBA, 1995.

_____. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. Tese de doutorado, FFLCH/USP, 1986.

SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas,



1981.

SILVA, Flamarión Maués. *Editoras de oposição no período da ditadura (1974-1985): Negócio e Política*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2005.

ZIMBARG, Luis Alberto. *O Cidadão Armado: Comunismo e Tenentismo (1927-1945)*. Dissertação